



PENSANDO ÁFRICAS
E SUAS DIÁSPORAS
NEABI – UFOP

Pensando Áfricas e suas diásporas

www.periodicos.ufop.br/pp/index.php/pensandoafricanas

NEABI – UFOP - Mariana/MG

Vol. 01 N. 01 – jan/jun 2015

Anais do III Seminário Pensando Áfricas e suas diásporas - parte 2

Carolina Maria de Jesus, uma autora entre a criação e a (pro)criação?

Felipe de Andrade Constâncio *

Resumo: Este trabalho integra uma pesquisa mais ampla do GP CNPq GEDIR - Gênero, Discurso e Imagem, voltada para a transcrição e estudo dos manuscritos não publicados de Carolina Maria de Jesus, integrantes da coleção Vera Eunice, da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Apresenta resultados parciais da transcrição, também parcial, do primeiro rolo da coleção, com relatos posteriores à publicação de seu primeiro diário. Nessa medida, objetiva-se, ainda, um enfoque acerca das condições de produção, expressas na obra *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, da escritora negra, que nos revela uma série de temáticas bastante discutidas ultimamente, a saber: a escrita feminista, o perfil do negro pós-colonial e a questão do gênero na literatura. Nossas discussões para tal proposta baseiam-se na crítica discursivamente pautada na identidade da mulher negra, imersa no ambiente contraditório do racismo e do sexismo, e na construção de um estilo de escrita destoante do padrão culto. A partir deste diário-crônica, trazemos à tona uma série de experiências relatadas e circunscritas ao espaço de uma comunidade carente do Estado de São Paulo, as quais por vezes confundem os papéis da autora e da personagem enquanto enunciadoras. Por conseguinte, apontam-se, na função do discurso documental de Carolina, o seguinte binômio: criação artística e manutenção doméstica. Problemáticas estas que acompanham os seus discursos. Desse modo, buscaram-se direcionamentos no que diz respeito às questões raciais envolvidas às questões de gênero.

Palavras-Chave: Carolina Maria de Jesus; *Quarto de despejo*; Racismo; Sexismo.

Abstract: This work integrates a broader research of the GP CNPq GEDIR - Gender, Discourse and Image, focused on the transcription and study of the unpublished manuscripts of Carolina Maria de Jesus, members of the Vera Eunice collection, of the National Library of Rio de Janeiro. It presents partial results of the transcription, also partial, of the first roll of the collection, with reports after the publication of its first diary. To this extent, we also focus on the conditions of production, expressed in the work of the black female writer, *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, which reveals a series of topics that have been discussed lately, namely feminist writing, the profile of the postcolonial black and the issue of gender in literature. Our discussions on this proposal are based on the critique discursively based on the identity of the black woman, immersed in the contradictory environment of racism and sexism, and in the construction of a style of writing that is not in keeping with the cultured standard. From this daily chronicle, we bring to light a series of experiences reported and circumscribed to the space of a community in need of the State of São Paulo, which sometimes confuse the author's and character's roles as enunciators. Therefore, the following binomial, artistic creation and domestic maintenance, are pointed out, in the function of Carolina's documentary discourse. These problems accompany their speeches. In this way, we seek directions regarding the racial issues involved in gender issues.

* UFRRJ. E-mail: felipe.lettras.ac@gmail.com)

Keywords: Carolina Maria de Jesus; *Storage room*; Racism; Sexism.

Introdução

Esta discussão se debruça sobre o cotejo entre *Quarto de Despejo*, livro-diário de Carolina Maria de Jesus publicado em 1960, e os manuscritos microfilmados reunidos a partir de uma pesquisa na Fundação Biblioteca Nacional. Essa pesquisa gerou as trinta páginas transcritas de nosso corpus, cujo contexto é o de produção do primeiro livro de Carolina, já citado aqui. Por conseguinte, o objetivo norteador deste trabalho é salientar os pontos de encontro desses textos.

Ao levarmos em consideração a opção que fizemos de emparelhar essas produções afins, tornam-se emergentes as discussões referentes às questões de autoria feminina. É nesse ponto que entram as abordagens teóricas de Joel Rufino (2009) a respeito do percurso biográfico e da concepção do estilo (escrita) de Carolina Maria de Jesus, doravante CMJ; e ainda nessa pauta de escritura e gênero, pode-se trazer à tona a crítica de Elódia Xavier (1999) sobre historiografia literária e sexismo.

Há que se destacar, para o direcionamento dos fatores emblemáticos - criação artística e manutenção doméstica, a abordagem teórica de Stuart Hall (2011). A partir da teoria dos descentramentos dos sujeitos inseridos no chamado pós-colonialismo, topicalizamos aqui fissuras na escrita caroliniana, tomadas dessa descentralização e constatáveis nos papéis de gênero exercidos por CMJ.

Portanto, configura-se um objetivo mais estruturante nesta breve descrição problematizar o binômio “criação artística e manutenção doméstica”, associado às condições discursivas de CMJ. Condições essas que perpassam o âmbito do feminino, do negro e da fixação das lutas de classe, nos dialogismos possíveis da pós-modernidade, em que vozes improváveis podem se ouvir.

Após esse breve levantamento teórico, direciona-se um olhar para os textos de CMJ: o discurso com pretensões literárias de *Quarto de despejo* (1983) e os manuscritos transcritos. Ressaltamos o diálogo que se procura nesse corpus em relação à revisão bibliográfica da qual falamos há pouco, como um recurso da interdiscursividade notada e apontada em ambos os textos.

1. Discussões pós-coloniais

As duas questões subseqüentes são inscritas neste tópico, já que representam os debates patentes acerca do pós-colonialismo. Levando em consideração esse contexto, buscamos o questionamento das terminologias elencadas por nós, como forma de teorizar a obra de CMJ. Nesse sentido, o que se prioriza a seguir é o fator destoante da escrita feminina que passa, evidentemente, a vigorar no Brasil a partir da década de 1960.

1.1. A questão da autoria

Para falarmos do perfil autoral dessa “mulher negra favelada”, precisamos nos reportar ao discurso de Joel Rufino dos Santos (2009):

Carolina foi alienada – é a conclusão a que cheguei anos depois – nos dois últimos sentidos: ela se colocava quase sempre do lado contrário ao da sua condição de mulher negra favelada e, ao mesmo tempo, foi autônoma com relação ao mundo em que viveu – e, nesse sentido, se alienou do seu mundo que não comportava o ofício de escritor. (p. 20)

Aqui o autor deixa claros dois pontos a se considerar sobre CMJ: o da alienação em seu mundo e o da autonomia no mesmo. Logo, o primeiro ponto pode ser considerado como pejorativo, mas não o é, à medida que é levado ao campo da produção escrita. O que se coloca em questão é a improbabilidade de alguém de exercer uma função que não lhe cabe numa sociedade grafocêntrica, que a exclui (ria).

Essa autonomia de que fala Joel Rufino constata-se no termo “grafomania” do qual ele se utiliza para se referir à CMJ. Dessa forma, outra evidência é colocada em xeque: o fato de uma mulher negra, pobre, solteira, favelada e sem emprego formal mostrar-se apta à escrita; e ter pretensões de ser escritor(a), em um período da história literária no Brasil dominado pela figura masculina.

É nessa disputa de forças contrárias que encontramos um lugar não preenchido pela mulher na historiografia literária, conforme salienta Elódia Xavier (1999):

Essa posição teórica nos possibilita o questionamento de categorias consideradas, até então, indiscutíveis, tais como – poder, valor, hierarquia e mediação crítica –, responsáveis pela canonização de uns e pela exclusão de outros. (p. 15)

Desse modo, Elódia levanta um termo que dialoga em muito com o que Rufino chama de “ofício de escritor”: a “canonização”. Quando falamos de autoria e CMJ, propomos um percurso que, por assim dizer, é destoante, já que há embates que ora procuram confirmar lugares de fala consagrados ora perfazem um caminho de resgate. É importante lembrar que

[30/36]

esse resgate se faz necessário quando se verifica em um discurso uma proposta de estilo, como se vê a seguir.

1.2. A questão da criação artística e a manutenção doméstica

Ao estabelecermos este tópico, necessariamente enfocamos a ideia de que o texto de CMJ apresenta-se em um campo discursivo marcado por forte tensão. Essa tensão se afigura nos papéis de gênero encarnados por CMJ nas figuras da autora e da mãe¹.

Nos estudos culturais acerca da pós-modernidade, tal fator transitório, gerado pela tensão, ganha espaço de tratamento, de acordo com o que se constata em Hall (2011): “Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.” (p. 09)

Dessa forma, devem-se considerar para uma compreensão básica do texto caroliniano os termos-chave enunciados pelo sociólogo britânico: “deslocamento”, “descentração” e, sobretudo, “crise de identidade”. A nosso ver, tais características são ainda mais acirradas no caso da escrita de Carolina Maria de Jesus se admitirmos a polarização de papéis de gênero no binômio criação e (pro)criação.

Essa polarização apresenta-se no domínio de seu enunciado, quando justapõe ou enumera suas funções de escritora e de mãe. É na entrelinha textual que se sobrepõem esses extremos, que nos permitem, na narrativa, depreender a crise identitária da favelada.

2. Os textos carolinianos

É dos aspectos estilísticos que nos valem neste momento para a descrição do discurso de CMJ. Cabe-nos ressaltar que essa análise ainda é incipiente, uma vez que é fruto dos debates do grupo vinculado ao CNPq e à UFRRJ: GEDIR, Gênero, Discurso e Imagem. O que se propõe aqui é o cotejo de alguns trechos das narrativas postas em questão.

2.1. O *Quarto de despejo*

Primeira obra de grande sucesso de CMJ e com narrativa construída em forma de diário, *Quarto de despejo* mostra uma autora que vai além dos relatos sobre sua vida

¹ Relação observada no cotejo de *Quarto de despejo* com o manuscrito transcrito.

dentro da favela do Canindé. CMJ demonstra que mesmo sendo semianalfabeta, escolheu a literatura como alternativa e a escrita como sua aliada. Assim, observa-se nos trechos a seguir e que está relatado em seu diário: “Aproveitei a minha calma interior para eu ler. Peguei uma revista e sentei no capim, recebendo os raios solar para aquecer-me. Li um conto.” (JESUS, 1983: 12) e “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever o livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos.” (p. 20).

Deste modo, observa-se que o semianalfabetismo, não impediu a autora de ampliar sua leitura e ter a ambição de publicar as páginas de seu diário. Por meio de suas notações, ressalta-se o conhecimento de uma mulher batalhadora e que através dos detritos, sustentava a manutenção doméstica de sua casa. Assim, com a singularidade e isolamento, historiava em seu diário a pobreza citadina vivenciada em grau extraordinário, mas discursava frases que sintetizavam lições ligadas ao tradicionalismo, provindo de sua educação.

Sobre a (pro)criação, CMJ tem como preocupação catar materiais oriundos dos detritos urbanos, para assim, trocá-los por dinheiro. Preocupação esta que é repetida a cada relato das páginas de seu diário. A busca pelo alimento, principalmente, o pão, demonstra a manutenção doméstica quanto à alimentação de seus filhos, como é citado neste trecho: “Tudo quanto eu encontro no lixo eu cato para vender. Deu 13 cruzeiros. Fiquei pensando que precisava comprar pão, sabão e leite para a Vera Eunice. E os 13 cruzeiros não dava!”. (p. 12)

Através das narrativas da escritora, observa-se que a procriação, relativa ao exercício de seu papel materno e a manutenção doméstica estão conciliadas com as práticas propriamente criativas, da escrita e leitura. Ou seja, ela não abdica de nenhuma dessas funções, ao contrário, as tem como incorporação para construir as narrativas de seu diário como é demonstrado neste fragmento:

Passei o resto da tarde escrevendo. As quatro e meia o senhor Heitor ligou a luz. Dei banho nas crianças e preparei para sair. Fui catar papel, mas estava indisposta. Vim embora porque o frio era demais. Quando cheguei em casa era 22,30. Liguei o rádio. Tomei banho. Esquentei comida. Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 1983: 24)

Como (pro)criadora, seu humor mudava de acordo com o “andar” de seu dia. Como narra em seus discursos, a defesa de seus filhos era o primordial, mas a educação provinha de suas mãos. De tal modo, como Joel Rufino define:

Como toda mãe, a paciência da escritora variava conforme o humor. Hora os defendia, especialmente contra adultos, desculpando-os, carinhosa, mas sem transbordamento, hora os xingava e surrava - de correia, de chinelo, de vara, cabo de vassoura, e o que tivesse à mão. Reproduzia, neste ponto, a relação com a sua própria mãe: quem dá os beijos dá os peidos, diz o ditado. (p. 83)

Destarte é observado que a autora é uma (pro)criadora que mantém o vínculo de seus ofícios e responsabilidades, com o papel de leitora e escritora, fazendo com que ela seja singular e solitária, pois se destoa das mulheres que fazem parte de seu convívio. Optou pelo individual e em companhia, a literatura. O desabafo era feito em seus papéis, provenientes das coletas de lixo. Contudo, não deixou de lado suas responsabilidades e dava prosseguimento na manutenção da casa ou do barraco - como preferia denominar, e educava seus filhos da maneira que convinha como ser a melhor.

2.2. O manuscrito transcrito

Recortamos cinco momentos nos quais enfocamos o par procriação – criação em CMJ. Observemos tais momentos recorrentes da transcrição:

(1) “Levantei as duas da manhã para ler. E escrevi um pouco . Quando o dia surgiu, eu açendi o fôgo e fiz café puis fêijão no fôgo e preparei o João para ir a escola.”

(2) “E (sic) porque eu ando com a caneta (sic) e o caderno. nas (sic) mãos (sic). E paro nas bancas de jórnaes (sic). e (sic) livrarias A (sic) Vera queria comêr (sic).”

Neles é nítida a superposição de ações emblemáticas da polarização em tela. Desse modo, do exemplo (1) extraímos os sintagmas verbais “ler”, “escrevi”, “acendi o fôgo” e “preparei o João”, já em (2) temos: “ando com a caneta” e “queria comêr”.

Os efeitos literários aos quais podemos chegar a partir desses significantes correspondem ao par dicotômico da escritora e da dona-de-casa. Desse modo, topicalizam-se neste trecho as funções sociais reivindicadas pela autora em seu processo de produção artística, já que se evidenciam suas próprias ações de escritora em “escrevi” e de mãe em “preparei o João”.

Há, ainda, duas observações a serem feitas: a primeira delas é justamente a sucessão desses termos na mesma frase, cujo efeito parece ser o de igualar em importância essas ações; uma outra análise permite-nos falar em sua coexistência como um fator determinante da identidade estilística figurante em CMJ.

Essa construção identitária fica evidente em “ando com a caneta” e “A (sic) Vera queria comêr (sic)”, já que apontam para as funções acumuladas e exercidas ao mesmo tempo

por CMJ: em si mesma existe a troca de dois sujeitos, ou seja, uma primeira pessoa cede lugar à segunda. Por conseguinte, estamos diante de uma narradora identificada em dois papéis: a que escreve e ao mesmo tempo preocupa-se em prover alimento à filha.

Aliado às preocupações de cunho doméstico está o fazer literário, como em:

(3) “Eu fui lavar roupas. O local do dente dóia (sic). mas, eu preciso estar sempre em atividade para discipar as idéias (sic) literarias (sic) que promanam com assiduidade.”.

Daqui, destaca-se o caráter inspirador da escrita caroliniana, uma vez que a construção “para discipar as idéias (sic) literarias” oferece-nos o valor de finalidade. A essa assertiva soma-se o fato de ela “estar sempre em atividade”, o que demonstra por um lado certa indissociabilidade dos perfis doméstico-literários ambivalentes, mas por outro a noção da incompatibilidade entre essas duas assiduidades.

Outra vez pontuamos as especificidades dos predicadores “fui lavar roupas” e “discipar as idéias”. Aquele se refere basicamente à manutenção e à gestão doméstica, já que no decorrer do diário há tal preocupação com a postura materna; o outro predicador liga-se ao fazer literário, ou seja, uma espécie de ferramenta anterior à produção de seu diário.

Em (1), (2) e (3) evidenciam-se essas constatações antagônicas, problematizantes nas abordagens de gênero e classe, pois a favela, lugar que exclui, limita, impossibilita, foi o que motivou a autora a escrever sobre ela. Ser mulher, negra e mãe é outro fator que, mesmo sendo difícil, motivou CMJ: ela escrevia para se sentir gente, para denunciar os problemas sociais e políticos do Brasil. “A literatura era sua forma de existir” (Jozef, 1999: 179). Foi a literatura quem lhe deu voz.

Entretanto, está em (3) o caráter metatextual, ou seja, deixa-se entrever na superfície do texto uma espécie de inspiração à produção literária: própria CMJ descreve a situação em que para ela é constante esse processo de “assiduidade” das ideias literárias.

Notamos uma certa topicalização da função de escritora anterior a uma postura procriadora, historiograficamente estigmatizada, que é constatada em (4).

(4) “Escrevi até as 6 da manha. Levantei da cama e fui açender o fôgo. Fiz cafe e preparei o João para ir a aula”

Consideramos relevante aqui a transição do ato de escrever à tomada repentina do auxílio maternal. Dessa forma, a ausência de conectivos em algumas dessas construções torna-se emblemática, pois é passada ao leitor a função de sobreposição das orações, ou seja, CMJ usa várias vezes em seu texto este efeito de linguagem, dando cortes secos e relacionando suas funções de mãe e escritora, sendo assim sequências dicotômicas.

[34/36]

Carolina Maria de Jesus, uma autora entre a criação e a (pro)criação? • CONSTÂNCIO, Felipe de Andrade.

Se em (4) chegamos ao engajamento estético de CMJ, que ocupa espaço e tempo junto com atividades e funções propriamente domésticas, temos em (5) uma finalidade e uma causa ligadas ao trabalho de escrita:

(5) “Eu não escrevo para ganhar fortunas (sic). Escrevo porque gosto de livros (sic). Gosto de jornais (sic).” Com este exemplo procuramos comprovar a importância de ler e escrever para a autora: é o que a diferencia de seus vizinhos. CMJ também é uma incentivadora de leitura, pois, sempre que pode, empresta seus livros para as crianças, além de seus próprios filhos lerem frequentemente.

Desse modo, é notável o fato de haver certo esclarecimento por parte da escritora negra cujas pretensões nos são reveladas. Passamos, portanto, a um plano mais complexo, que envolve o fator de intencionalidade discursiva. Os elementos circunstanciais “Escrevi até as 6 da manhã” e “Levantei as duas da manhã para ler” perfazem tal intenção.

Conclusão

Valemo-nos da crise identitária ressaltada por Hall (2011) a fim de compreendermos a polarização vivida por CMJ. É nesse contexto que se pode depreender a opção da autora por um percurso que seleciona o binômio criação – (pro)criação, afetando, de modo latente em seu discurso, a produção literária de meados do século XX.

Pertinente é ressaltar que essas polarizações não são totalmente paradoxais no discurso caroliniano. Embora se mostrem distantes, por diversas vezes entram em embate, perfazendo uma identidade tensa. A escrita de Carolina Maria de Jesus alarga, portanto, a discussão da escrita da mulher na pós-modernidade.

Referências Bibliográficas

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. 10.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

JOZEF, Bella. “Clarice Lispector e o ato de narrar”; In: RAMALHO, Christina (org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Carolina Maria de Jesus: uma escritora improvável*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

XAVIER, Elódia. “Para além do cânone”; In: RAMALHO, Christina (org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões críticas*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.